

A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o *Curso de Linguística Geral*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3349>

Linguista sum: linguistici nihil a me alienun puto
(JAKOBSON *apud* DE MAURO, 1974 [1967],
p. 415).

Eliane Silveira¹

Resumo

Neste artigo realizaremos um cotejamento entre o *Curso de Linguística Geral* (1916) e o último manuscrito descoberto: *Essência dupla da linguagem* (1891). O nosso objetivo é examinar alguns traços do estatuto do linguista nos dois documentos. Considerando a limitação de espaço do artigo e a amplitude dos dois documentos em questão, destacaremos os fragmentos de cada documento que contribuam explicitamente para a reflexão. A análise será realizada a partir do aparato filológico e da crítica genética, com vistas a uma discussão epistemológica.

Palavras-chave: linguista; epistemologia; língua; Saussure.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; eliane.m.silveira@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4862-4547>

L'invention du linguiste: Saussure entre les manuscrits et le *Cours de Linguistique Générale*

Résumé

Dans le présent article, nous procéderons à une comparaison entre le *Cours de Linguistique Générale* (1916) et le dernier manuscrit découvert: *Double Essence du Langage* (1891). Notre objectif est d'examiner quelques traits du statut de linguiste dans les deux documents. Compte tenu de l'espace limité de l'article et de l'ampleur des deux documents en question, nous mettrons en évidence les fragments de chaque document qui contribuent explicitement à la réflexion. L'analyse est réalisée à partir de l'appareil philologique et de la critique génétique, dans une optique de discussion épistémologique.

Mots-clés: linguiste; épistémologie; langue; Saussure.

Introdução

Ferdinand de Saussure (1857-1913) instaura, no início do século XX, uma nova maneira de fazer linguística a partir do livro póstumo *Curso de Linguística Geral*². Na verdade, depois da segunda guerra mundial, esse livro passou a ser recebido como um tipo de matriz em vista da modernização do conjunto das ciências humanas (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017) e, nesse último século, as diversas recepções dessa obra corroboram o seu estatuto de discurso fundador. O arcabouço teórico apresentado nesse livro responde também por uma epistemologia da Linguística capaz de lhe outorgar o título de Ciência Moderna (MILNER, 1989). De fato, é notória tanto a contribuição teórica da reflexão de Saussure para a linguística, quanto os efeitos epistemológicos para uma área ainda maior. Daí deriva o reconhecimento da fundação da Linguística Moderna pelo genebrino. Sabe-se que a sua proposição, segundo a qual a língua é um sistema de signos, constante do CLG, foi capaz de delimitar o objeto da linguística de uma maneira inédita. Jean Claude Milner, epistemólogo francês, irá apontar, em sua obra *Introdução a uma ciência da linguagem* (2021 [1989], p. 51), que

Se assim for, a palavra língua estenografa um conjunto de proposições muito específico. [...] Compreende-se, portanto, que se possa designar o objeto da linguística somente com o nome língua. Essa decisão terminológica permite dar conta de muitos empregos, notadamente dos saussureanos.

2 No decorrer do texto, usaremos apenas a sigla CLG para nos referirmos à edição de 1916 e usaremos a edição da Cultrix, com a tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

No centro da proposição de Saussure sobre a língua, pode-se situar o conceito de signo e Milner (2012, p. 83), no livro *O amor da língua* (2012 [1987]), lembra que, para Saussure, esse tem um peso essencial “E isso a ponto de chegarmos a desconfiar que se trate, aí, de um investimento ainda mais considerável [...]”. Esse investimento está, para Milner, situado justamente na figura do linguista. Haveria, então, no percurso teórico de Saussure duas direções? Uma, a mais conhecida, voltada para a elucidação do objeto constitutivo de uma ciência, e outra, a menos conhecida, inclinada a revolucionar o papel do linguista? Nos parece, portanto, legítima a hipótese pouco explorada segundo a qual o advento epistemológico inaugurado por Saussure tenha instaurado também uma configuração específica do próprio linguista. Essa questão foi notada também por outros autores (BENVENISTE, 1991 [1966]; NORMAND, 2009; FLORES, 2013).

Além disso, a descoberta de manuscritos, em 1996, na casa de campo da família do genebrino trouxe aos pesquisadores da fortuna saussuriana novos elementos de análise modificando, inclusive, o resultado de pesquisas anteriores. Destacamos desse conjunto de manuscritos descobertos aqueles que foram reunidos e catalogados sob o nome de “De l’essence double du langage” (EDL). Esse material foi escrito, provavelmente, a partir de 1891 e contém quase três centenas de folhas escritas especificamente sobre os estudos da linguagem. O seu conteúdo é surpreendente, pois aborda conceitos presentes nos três cursos de Linguística Geral que foram a origem do CLG. É preciso notar que as quase duas décadas que separam esses eventos implicam necessariamente o amadurecimento de alguns aspectos desses conceitos³.

Assim, propomos um pontual cotejamento entre o *Curso de Linguística Geral* (1916) e o último manuscrito descoberto: *Essência dupla da linguagem* (1891) com o objetivo de examinar algumas particularidades a respeito do estatuto do linguista nos dois documentos. A obra de Saussure, como se sabe, não é dedicada especialmente ao tema da constituição, formação ou função do linguista, mas ao objeto da linguística, as menções específicas ao linguista precisam ser extraídas cirurgicamente entre as suas elaborações teóricas. Elas podem aparecer sob a forma de retomadas da sua própria formação, avaliações do conhecimento produzido por outros intelectuais do seu tempo e também, mais frequentemente, em decorrência da sua elaboração teórica. Dessa forma, é possível se deparar, com alguma regularidade, diante de referências indiretas, mas também com referências diretas à formação do linguista. Considerando, portanto, a quantidade, a amplitude e a profundidade da produção saussuriana, o que implica um *corpus* amplo, nosso exame não será exaustivo.

A nossa investigação seguirá três etapas distintas em função do material e do objetivo da pesquisa. A primeira consistirá em realizar o levantamento de algumas referências

3 Sobre esse assunto ver SILVEIRA, E. *A Aventura de Saussure*. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32755>

explícitas em que a questão do linguista, propriamente dita, é tematizada no CLG. A segunda etapa incidirá na seleção de alguns dos fragmentos do manuscrito em que o genebrino tematiza claramente a questão do linguista, além da transcrição diplomática e tradução do material. Por fim, na terceira etapa, procuraremos estabelecer uma reflexão epistemológica a respeito da concepção de linguista no material examinado.

Dada a extensão do material e a importância do tema, neste artigo pretendemos apresentar a questão da formação do linguista e desencadear uma discussão modesta, mas que ainda resta inédita entre os pesquisadores da fortuna saussuriana, especialmente no que concerne ao exame dos manuscritos do genebrino. Para tanto selecionamos três enunciados registrados no CLG e três fragmentos constantes das páginas iniciais do EDL, com o objetivo de inicialmente expô-los e, em seguida, os cotejarmos.

Curso de Linguística Geral

O CLG é um livro que já alcançou o seu estatuto de clássico e, portanto, poderia dispensar apresentações. Contudo, é justamente a notabilidade alcançada pela obra que acabou por encobrir algumas informações importantes que remontam a sua primeira recepção, no início do século XX. Iremos recuperá-las, rapidamente, a partir de trabalhos respeitados de autores que se ocuparam da obra naquele momento. Tais informações ainda podem ser importantes nas discussões atuais, visto que trabalhos de grande vulto como aqueles não se repetiram na história da recepção saussuriana e algumas análises recentes pecam por ignorá-los.

Assim, nunca é demais lembrar, inicialmente, que o livro *Curso de Linguística Geral* foi publicado em 1916, a partir do trabalho de edição realizada por Albert Sechehaye e Charles Bally com a colaboração de Albert Riedlinger. Eles fizeram uma edição das anotações de alunos que seguiram os cursos de Ferdinand de Saussure entre 1907 e 1911 e, além disso, os editores também tiveram acesso a muitos manuscritos de Saussure que foram cedidos por Marie de Saussure, sua esposa. Dessa forma, peculiar, mas não original, foram consagradas as ideias de Ferdinand de Saussure, professor da Université de Genève entre 1891 e 1913, ano de sua morte, e colocadas em ampla circulação.

Para alcançar a complexidade da edição dessas notas, bem como a extensão e as proporções das elaborações teóricas presente na publicação é importante a leitura de duas obras que surgiram no início da segunda metade do século XX, são duas edições críticas, a de De Mauro (1974 [1967]) e a de Engler (1989 [1968]), antecede a essas duas a significativa obra de Godel (1969 [1957]), que merece ser lida por aqueles que pretendem compreender a edição do CLG. As três obras podem evitar que o leitor do século XXI se perca pelos dédalos da formulação saussuriana, somada à edição do CLG e multiplicada pelas inúmeras recepções que se sucedem nesse mais de um século de vasta circulação.

Além disso, a leitura do CLG pode ser realizada com focos distintos e uma formulação sua pode servir a bem mais de uma reflexão a depender do objetivo daquele que a examina. Com a finalidade de auscultar a sua preocupação com a formação do linguista, começaremos por essa afirmação que está logo no início do CLG (p. 13):

A matéria da Linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa às vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes.

A formulação, encontrada no início do curtíssimo capítulo “Matéria e tarefa da linguística suas relações com as ciências conexas”, deve ser lida com cuidado em dois aspectos que exploraremos a seguir.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao anacronismo, precisamos lembrar que essa afirmação é do início do século XIX e, portanto, está em franca oposição a uma postura muito típica dos seus contemporâneos, inclusive a de William D. Whitney (1827-1894), que sustentam a hierarquia entre as línguas, naquele momento consideradas línguas de cultura ou línguas primitivas. A afirmação de Saussure é absolutamente taxativa em relação à matéria da linguística: todas as manifestações da linguagem humana.

O segundo aspecto diz respeito ao que vem na sequência e é surpreendente, já que dizer que “o linguista deverá ter em conta somente os textos escritos” vai na direção contrária da afirmação inicial do parágrafo: “A matéria da linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem”. É então que a prudência pode nos levar ao vultoso trabalho de Engler (1967); lá encontramos a comparação entre o texto do CLG e as anotações dos cadernos dos alunos que serviram de base para a edição.

Observamos, inicialmente, que, nos cadernos dos alunos trazidos por Engler, a primeira parte desse excerto do CLG é, em tudo, semelhante ao que os cadernos dos alunos trazem. No entanto, na segunda parte desse fragmento do CLG, encontramos duas diferenças em relação às notas dos alunos e à redação dos editores: nos cadernos dos alunos, não há menção ao linguista propriamente dito e, além disso, a anotação presente no caderno

de Constantin, que é a que mais se aproxima do que encontramos no CLG (*apud* ENGLER, 1968, p. 20, tradução nossa⁴), difere da mesma num ponto crucial, vejamos:

Obviamente, deve-se notar que, para alcançar os documentos, tanto quanto possível, em qualquer período, a linguística terá que lidar continuamente com a língua escrita, e muitas vezes terá que emprestar as luzes da filologia para navegar melhor no meio desses textos escritos; mas ela sempre fará a diferença entre o texto escrito e o que ele recobre; ela verá apenas o invólucro, ou a forma exterior de se dar a conhecer, de seu objeto real, / [7] que é a língua falada exclusivamente.

Observem que esse fragmento, por um lado, evidentemente forneceu o conteúdo para o CLG, embora com sensíveis modificações e, por outro lado, nota-se um entrave de interpretação que repousa no uso do pronome pessoal, feminino, de terceira pessoa: “ela” em função de anáfora, que pode tanto estar se referindo à linguística como à filologia, o que obscurece o sentido desse fragmento. As modificações realizadas pelos editores dizem respeito à inclusão do termo “linguista” que, na anotação de Constantin e de seus colegas, não figura e, importante notar, houve também a supressão da afirmação sobre a língua falada, enquanto objeto real da linguística.

É aceitável que a própria dificuldade de compreensão do fragmento, em um determinado momento, possa ter levado os editores a fazer essas modificações, talvez em função da coerência do livro, o que pode ser importante para o seu futuro leitor. Contudo, para o pesquisador da fortuna saussuriana, os elementos que, dos cadernos dos alunos, foram suprimidos ou incluídos na edição podem ser reveladores dada a importância de cada um nas elaborações de Ferdinand de Saussure, nesse caso específico a relação do linguista com a fala no seu trabalho com o objeto da linguística.

A afirmação que se segue no CLG, colhida justamente do capítulo “O objeto da linguística”, é bastante categórica a respeito do que cabe ao linguista: “[...] **a tarefa do linguista** é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos.” (SAUSSURE, 1973, p. 24, grifo nosso). Contudo, é preciso observar que tal asserção não consta dessa maneira nas anotações dos alunos. Na verdade, o que mais se aproxima desse fragmento do CLG foi formulado por apenas um dos alunos, Leopold Gautier; no seu caderno encontramos: “Mas cabe ao linguista constituir a linguística em ciência semiológica e a distingui-la de outras ciências semiológicas.” (*apud* ENGLER, 1968, p. 49,

4 No original: “Forcément, comme il fallait le remarquer pour avoir les documents autant que possible sur toute époque, la linguistique devra s’occuper continuellement de la langue écrite, et souvent elle aura à emprunter ses lumières à la philologie pour se diriger mieux au milieu de ces textes écrits; mais elle fera toujours la différence entre le texte écrit et ce qu’il recouvre; elle n’y verra que l’enveloppe, ou la façon extérieure de se faire connaître, de son véritable objet, / [7] qui est la langue parlée uniquement.”.

tradução nossa⁵). O próprio Gautier ainda anotará em seu caderno: “Os estudos da língua por outros além dos linguistas não aborda o objeto em suas partes essenciais.” (*op. cit.*, tradução nossa⁶). Percebe-se que as anotações presentes no caderno de Gautier embora aproximem-se da formulação encontrada no CLG não exhibe a palavra “sistema”, termo central na teoria saussuriana conhecida por nós desde o início do século XX.

Entretanto, embora o CLG não traga uma formulação idêntica às anotações dos alunos, as modificações dos editores devem ser estudadas a partir do dado primário que as fornece: os diversos cadernos dos alunos presentes nos três últimos cursos de Ferdinand de Saussure e que não é objeto desta pesquisa. Mas é relevante, e digno de um estudo futuro, a quantidade de vezes que os organizadores do CLG se sentiram constrangidos com as anotações nos cadernos dos alunos sobre o estatuto do linguista. Ao que tudo indica, nesses casos fizeram valer os seus lugares de editores, seja adaptando as formulações dos alunos às necessidades editoriais, seja rendendo-as às suas próprias interpretações teóricas.

De qualquer forma, é importante atentar ao destaque categórico que o CLG traz a essa função do linguista relacionada não só ao objeto dessa ciência, como ao seu campo.

O fragmento que apresentaremos abaixo, encontrado no capítulo “Matéria e Tarefa da Linguística”, é bastante citado, especialmente pelo seu valor explicativo sobre o lugar da ciência linguística em relação a outros campos de conhecimento fronteiriços. Contudo, ele não tem alcançado o lugar epistemológico que lhe cabe, já que a questão sobre a “utilidade da linguística” é claramente uma provocação ao *status quo* dos estudos da linguagem daquela época, do qual Saussure discorda veementemente e trabalha entusiasticamente para reformá-lo. Vejamos:

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito idéias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos — historiadores, filólogos etc. — que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante do que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas — consequência paradoxal do interesse que suscita — não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém,

5 No original: “Mais c’ est au linguiste à constituer la linguistique en science sémiologique et en la distinguant des autres sciences sémiologiques. [3a]”.

6 No original: “L’étude de la langue par d’autres que des linguistes n’attaque pas le sujet dans ses parties essentielles.”.

é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível. (SAUSSURE, 1973, p. 14, grifo nosso).

Neste fragmento, que é parte da aula inaugural do terceiro curso de linguística geral, em 23 de outubro de 1910 (DE MAURO, 1967; ENGLER, 1968), fica evidente que Saussure associa uma nova delimitação do objeto da linguística aos contornos da própria área, bem como à tarefa do próprio linguista. Portanto, apesar de Saussure ser reconhecido pelo esforço na delimitação do objeto da linguística, não há por que dissociar o seu empenho em delimitar o objeto (a língua), da sua preocupação em diferenciar a área (a linguística) e nem mesmo da sua atenção ao papel do investigador (o linguista). Ao contrário, nos cabe neste trabalho reconhecer que a operação teórica desencadeada por Saussure tem efeitos sobre a constituição do linguista e investigá-la.

Os excertos do CLG trazidos até aqui cumprem o papel de nos mostrar alguns traços do estatuto do linguista no CLG, bem como a complexidade que o exame desse material nos coloca. Ao nos depararmos com essas formulações e deixarmos indicado o contraste possível entre os cadernos dos alunos e o CLG, é natural que nos perguntemos como o estatuto do linguista pode aparecer nos manuscritos de Saussure. É o que faremos a seguir, considerando os limites deste artigo e o nosso propósito nele.

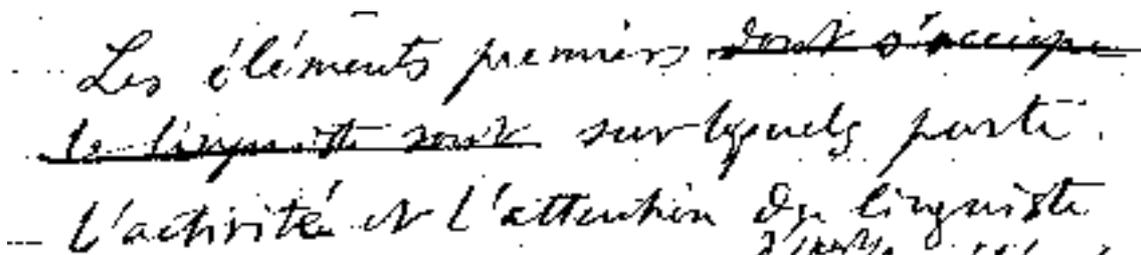
O manuscrito “Essência Dupla da Linguagem”

Em 1996, foi descoberta uma caixa com manuscritos de Ferdinand de Saussure na estufa da casa de campo da família. Um primeiro exame já mostrou que se tratava de um material de grande impacto para os estudos da linguagem, visto que as centenas de folhas manuscritas traziam muitos dos conceitos, em estado germinal, que vieram a revolucionar a linguística desde o início do século XX. Esse material foi enviado para a biblioteca de Genebra e, em seguida, catalogado pelos estudiosos da fortuna saussuriana. Em especial, Rudolf Engler que, juntamente com Simon Bouquet, o editou e publicou, em 2002, pela editora francesa Galimard, em 2004, a Cultrix, editora sediada em São Paulo, publicou a tradução dessa edição.

Embora de grande importância para a difusão das ideias de Saussure, essa publicação limita o trabalho dos pesquisadores, já que desse material é excluída uma parte considerável, por exemplo, toda e qualquer parte rasurada do texto. Tal mutilação, comum em muitas edições de manuscrito, impede que se acompanhe plenamente o processo de elaboração do escritor, nesse caso, o linguista Ferdinand de Saussure. É por este motivo que os pesquisadores têm preferido trabalhar diretamente com os manuscritos e é o

que faremos neste artigo em função da importância que as rasuras adquirem na nossa investigação⁷. Observemos, logo nas primeiras páginas do arquivo, uma escrita pouco linear e com muitas rasuras que nos traz, na própria letra de Saussure, a sua preocupação com o linguista:

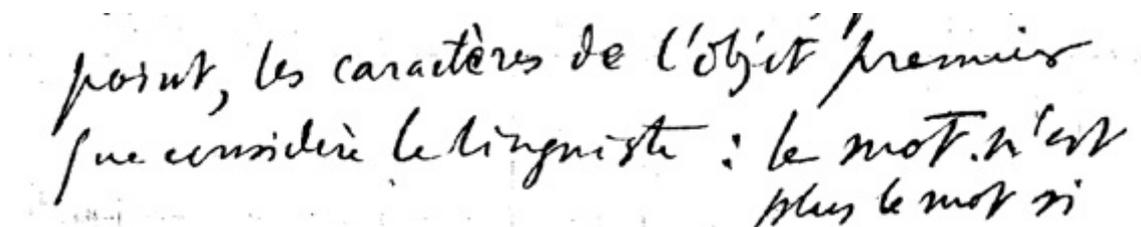
Figura 1. Reprodução da folha 10 do manuscrito *De l'essence double du langage* conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Os elementos primeiros dos quais se ocupam
o linguista vão sobre os quais parte
a atividade e intenção do linguista

Interessa ao genebrino, nesse momento, delimitar algumas das questões básicas que determinam o estatuto do linguista e que poderíamos aqui transformar em interrogativas: do que ele se ocupa? Qual é a sua atividade? Para onde se dirige a sua atenção? O genebrino inicia a sua escrita a respeito do linguista, mas se detém e rasura, no entanto, retoma a escrita em seguida reiterando a sua proposta de falar do que cabe ao linguista. Ele irá asseverar que o linguista está diante de elementos complexos e destituídos de uma unidade natural e os comparará aos elementos químicos quando misturados. Saussure então nos lembra que esses, quando colocados em relação, implicam a transformação de cada um, com consequências para as suas classificações. Ao final da folha, ele retoma o que cabe propriamente ao linguista:

Figura 2. Reprodução da folha 10 do manuscrito *De l'essence double du langage* conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



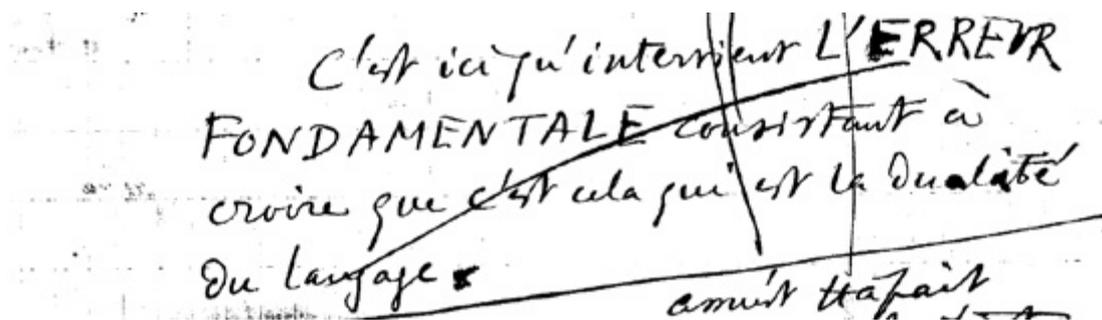
ponto, os caracteres do objeto primeiro
que considera o linguista: a palavra não é
mais a palavra se

7 A transcrição do manuscrito será realizada buscando acompanhar o processo de escrita de Ferdinand de Saussure; aproximando-se do método utilizado pela Crítica Genética, que prima por observar todas as características próprias do manuscrito, tais como, incisos, rasuras e supressões.

Como se vê, ele não termina a frase que se encontra amontoada no limite inferior da folha e a que se segue não traz uma continuação para o desespero do leitor. Mas sabemos que ele coloca o estatuto do linguista em estreita relação com o objeto da linguística e também indica algo que vale a pena destacar: o que se entende pelo objeto da linguística incidirá também no que se entende por linguista. Ao fim, ele coloca em cheque a identidade da palavra, enquanto um representante eventual do objeto da linguística.

Apesar de Saussure seguir nas próximas páginas tratando exclusivamente do objeto da linguística que, na década de 1890, ainda não se encontrava delimitado como o conhecemos hoje, ele não abandonará a questão sobre o linguista propriamente dito e a retomará algumas folhas adiante. Vejam que ele ainda continua ocupado com o objeto da linguística, mas se refere àquele a quem essa delimitação mais interessa e indica em caixa alta o seu erro fundamental:

Figura 3. Reprodução da folha 14 do manuscrito *De l'essence double du langage* conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



É aqui que intervém O ERRO
FUNDAMENTAL consistindo em
acreditar que é lá que está a dualidade
da linguagem

Saussure se insurge contra os linguistas que, ao dedicarem-se ao estudo da linguagem, vêm a dualidade situada no par som e ideia. Para o genebrino, isso é um erro porque esses dois elementos, ao se juntarem, constituem uma unidade: o signo linguístico. Tal reflexão coloca em questão a própria unidade linguística e conseqüentemente a sua identidade; mas, além de tudo, chama atenção para a posição do linguista diante do objeto da linguística enquanto ciência.

O linguista e a linguística

O CLG e o EDL são indiscutivelmente dois documentos cruciais na compreensão da produção do linguista genebrino Ferdinand de Saussure e, além disso, primam por um conteúdo que favorece uma ampla discussão epistemológica a respeito do campo da linguística. Ou seja, o processo de construção do conhecimento na área pode adquirir

contornos mais nítidos e permitir ao seu pesquisador apontar algumas de suas especificidades. Ao percorrermos os dois documentos em busca do estatuto do linguista em Ferdinand de Saussure, ficou clara para nós a íntima ligação entre as conjecturas a respeito do papel do linguista e a delimitação do objeto da linguística.

Assim, na medida em que a delimitação do objeto sofre modificações, o estatuto do linguista não permanece mais o mesmo e o contrário é igualmente verdadeiro, ou seja, a posição do linguista também influencia a circunscrição do objeto, configurando uma ligação tão estreita que, quando um se move, o outro também.

O laço entre pesquisador e objeto pode parecer lógico, mas não é óbvio e, no entanto, pudemos constatar que essa percepção se recolhe em diversos momentos tanto do CLG quanto do EDL, de forma que não seria prematuro afirmar que a fundação da linguística moderna, atribuída a Saussure, se apoia em dois pilares distintos e inter-relacionados: língua e linguista.

A análise desses documentos, isolados ou em contraposição, contribuem não só para o conhecimento da história e epistemologia da área, como também para o necessário aprofundamento teórico no que concerne aos conceitos fundantes da linguística. No entanto, através dos excertos desses documentos trazidos para reflexão neste artigo, constata-se que ainda há discussões que não foram feitas sobre esse material, mesmo que tenham sido produzidos há mais de um século. Pensamos que esse é o caso do estatuto do linguista, a partir da produção saussuriana, e as suas implicações tanto para a concepção do objeto da linguística como para a constituição da própria área enquanto ciência moderna.

Considerações finais

Foi possível constatar, neste trabalho, que tanto o CLG quanto o EDL trazem apontamentos de forma direta e indireta sobre o estatuto do linguista. No entanto, quando cotejamos os excertos selecionados nos dois documentos saltam aos olhos as semelhanças e também as diferenças. É digno de nota nos dois documentos o constante diálogo de Saussure com os estudiosos da linguagem que são seus contemporâneos; ele parte das discussões que circulam em sua época, mas também se opõe a alguns encaminhamentos próprios daquele período. Pudemos também destacar um ponto em comum, a saber, a intrínseca relação entre o estatuto do linguista e a delimitação do objeto da linguística, característica que tem potencial para marcar uma especificidade epistemológica basilar da configuração da linguística enquanto ciência moderna.

Os excertos selecionados por nós para examinar o estatuto do linguista na produção de Ferdinand de Saussure apontam uma sensível diferença no que se refere à frequência do tema, assertividade e completude. Se no CLG a referência ao estatuto do linguista é mais

frequente, direta, assertiva e sem titubeios, no EDL ela é mais rara, muitas vezes de forma indireta e nem sempre se apresenta em uma formulação completa e livre de rasuras.

As motivações de algumas dessas diferenças poderiam residir em dois fatores notórios: o suporte e a cronologia. Ou seja, trata-se de um livro e de um manuscrito. O CLG foi escrito com o objetivo de ser publicado e o manuscrito funcionava como espaço de elaboração, no qual cabiam frases inacabadas e rasuras, por exemplo. O outro fator patente que diferencia esses dois documentos é o fato de eles serem de épocas distintas, separados por aproximadamente duas décadas. No entanto, a frequência de referências ao estatuto do linguista não se explica a partir do seu suporte material e talvez nem mesmo pela distância cronológica.

Contudo, a diferença que incide na natureza das asserções pode estar ligada a esses fatores. Vejam que, no CLG, o estatuto do linguista era abordado de forma mais assertiva e no EDL de forma mais especulativa. O traço assertivo pode ter derivado do próprio Saussure na docência ou da escolha estilística dos editores; essas hipóteses não podem ser ignoradas e devem ser objeto de investigações futuras. Entretanto, esperamos ter mostrado, ao longo do artigo, que uma pesquisa inicial, percorrendo, ainda que sucintamente, o CLG e o EDL, foi capaz de confirmar o interesse de Saussure a respeito do estatuto do linguista e indicar que isso não é sem consequências nem para a linguística e nem para o seu objeto.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 1991 [1966].

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. *Uma história das Ideias Linguísticas*. Tradução Jacqueline León e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017 [2010].

DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*: Paris: Payot, 1974 [1967].

FLORES, V. N. Mostrar ao linguista o que ele faz. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 71-86.

ENGLER, R. *Cours de linguistique générale: édition critique par Rudolf Engler*. Tomo 2: appendice – Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale, Otto Harrassowitz – Wiesbaden, 1989 [1968].

GODEL, R. *Les Sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz, 1969 [1957].

MILNER, J. C. *O amor da Língua*. Tradução e notas Paulo Sérgio de Souza Júnior; revisão técnica Cláudia Thereza Guimarães de Lemos e Maria Rita Salzano Moraes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012 [1987].

MILNER, J. C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Vários tradutores. Petrópolis: Editora Vozes, 2021 [1989].

NORMAND, C. *Convite à Linguística*. Organizado por Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale: Édition critique préparée par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1974 [1967].

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973 [1916].

SAUSSURE, F. De l'essence double du langage. In: *Archives de Ferdinand de Saussure*, 372: Les Manuscrits'. Bibliothèque de Genève, 1891.

SILVEIRA, E. *A aventura de Saussure*. 2021. Tese (Professor Titular) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32755>. Acesso em: 30 set. 2021.